

Leituras do poder sobre o corpo no filme “Um estranho no ninho”

Rodrigo Esteban Gutierrez Herrera

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil.

rodrigo.gutierrez.herrera@gmail.com

Leonardo Trápaga Abib

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil.

leoabib@gmail.com

Resumo

O objetivo deste ensaio foi analisar o filme "Um estranho no ninho" (One flew over the cuckoo's nest – EUA – 1975) a partir dos conceitos de poder disciplinar, biopolítica e dispositivo, presentes nas obras de Michel Foucault e Giorgio Agamben. Em nossas discussões podemos localizar elementos do filme que caracterizam as instituições modernas descritas por Foucault, assim como a presença de diferentes técnicas e estratégias racionais do poder sobre o corpo dos pacientes do hospital psiquiátrico. A análise do filme nos permitiu pensar e refletir sobre as funções dos discursos e das práticas disciplinares e de biopoder que incidiam sobre os sujeitos e de que formas era possível resistir a elas dentro de um dispositivo biopolítico.

Palavras-chave: Corpo; Modernidade; Biopolítica; Poder disciplinar

Apresentação

O presente texto se trata de um ensaio que parte das discussões instigadas pelos filmes e artigos analisados na disciplina “Políticas do Corpo e da Educação Física na América do Sul”, cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo durante o semestre letivo de 2017/1, como parte do projeto de cooperação internacional "Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e na Argentina: artefatos culturais e biopolítica" desenvolvido entre o Laboratório de Estudos sobre Educação

Física da Universidade Federal do Espírito Santo (LESEF/UFES) e o Centro Interdisciplinario Cuerpo, Educación, Sociedad da Universidad Nacional de La Plata (CICES/UNLP).

Seguindo uma recente tradição do campo acadêmico da educação física brasileira de estudar questões sobre corpo, escola, linguagem, história e esporte a partir do cinema (Gomes & Caminha, 2016; Zoboli et al, 2015; Fortes & Melo, 2014; Melo, 2009), neste ensaio apresentamos uma leitura sobre a relação entre corpo e poder no filme “Um estranho no ninho”. Nossa análise foi baseada nos conceitos de biopolítica, dispositivo e poder presentes nas obras de Michel Foucault e Giorgio Agamben.

O filme “Um estranho no ninho” (One flew over the cuckoo’s nest – EUA – 1975) foi dirigido pelo diretor Milos Forman e baseado no romance homônimo do escritor Ken Kesey, datado de 1962. O enredo do filme se passa no ano de 1963 nos EUA e apresenta a história de Randle McMurphy (interpretado pelo ator Jack Nicholson), um homem reincidente no sistema penal americano acusado por diversos casos de agressão. Sua trajetória começa a mudar quando, ao ser submetido para uma avaliação do seu estado mental, é transferido da prisão de Oregon para o Instituto Mental Estadual, após ser acusado de estuprar uma menina de 15 anos de idade.

Considerada uma obra referência do movimento da contracultura daquele período (Rodrigues, 2010), o filme nos mostra como o anti-herói McMurphy se relaciona com os funcionários e os demais internos do hospital psiquiátrico, bem como a sua consequente não adequação ao sistema vigente naquela instituição.

O poder sobre o corpo dentro do dispositivo biopolítico

O exercício de escrita e pensamento que fazemos aqui é analisar essa instituição psiquiátrica para onde McMurphy fora levado enquanto um dispositivo biopolítico de acordo com a concepção agambeniana. Para Agamben (2009) o mundo que existe pode ser dividido em dois grandes grupos: o dos vivos e dos dispositivos, sendo que o sujeito seria aquilo que

emerge da relação entre esses dois grupos. Então, para o autor, dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (Agamben, 2009: 40).

A instituição psiquiátrica apresentada no filme, caracterizada pelas suas regras, seu funcionamento e sua estrutura hierárquica, nos remete à essa noção agambeniana de dispositivo, bem como às instituições típicas do poder disciplinar relatadas por Foucault (1999). De acordo com o autor francês as instituições criadas no seio da modernidade, tais como a clínica, as prisões, as escolas, as universidades e a polícia, estão ligadas a um novo entender da política. Desde a época clássica, a época pré-moderna ou pré-estatal, Foucault (2005) descreve a transição do funcionamento do poder soberano, o qual tinha como insígnia “fazer morrer e deixar viver”, para o biopoder, característico da ascensão do Estado moderno, cuja ideia era a oposta: “fazer viver e deixar morrer”.

O Estado moderno tem uma nova consideração pelos indivíduos e a população em ordem da produtividade e o desenvolvimento das novas nações. Esse processo histórico de mudanças é o que Foucault (2008a; 2008b) aponta como o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da idade média converteu-se durante os séculos XV e XVI, no Estado administrativo e finalmente no Estado governamentalizado. Esse processo de governamentalização também pode ser entendido como os procedimentos, análises e reflexões, cálculos, táticas que permitem exercer uma forma de poder que tem por fim principal a condução das condutas das pessoas (Alves, 2008), na forma de uma economia política, sendo requisitadas para isto a ajuda de todo um marco legal, assim como na criação destas instituições modernas, como é o caso das instituições psiquiátricas.

O modelo de tratamento imposto pelo Instituto Mental no filme "Um estranho no ninho" incidia diretamente sobre os corpos dos indivíduos ali internados, mediante uma estrutura panóptica e a utilização de técnicas visando uma maior produtividade e docilização dos sujeitos alvo dessas intervenções, elementos típicos do poder disciplinar (Foucault, 1999). De fato, a instituição ao utilizar-se

de tais técnicas acabava por modular, controlar e conduzir as atitudes e ações dos internos, de maneira a garantir e assegurar a governabilidade do espaço e o governo dos indivíduos, capturando seus desejos e suas potências.

Podemos perceber tais processos de governo e controle com o passar das cenas, notando o quanto os internos estavam submissos e dóceis com relação à rotina imposta pela instituição e o quanto tinham medo de receber punições (como ter que tomar uma alta dosagem de medicamentos, sofrer uma eletrochoquerapia ou até mesmo uma lobotomia, ficar sem cigarro, etc.) por não seguirem o protocolo ou por agitarem demais o ambiente.

A chegada de McMurphy acaba por mudar em parte o cenário de acomodação e submissão, tendo em vista o perfil dessa personagem. Desde sua entrada no hospital, o diretor médico desconfia da sua suposta loucura e da necessidade de cumprir a pena na instituição. Ao ler a ficha de McMurphy, o diretor vê que ele já possui cinco prisões por briga e alcoolismo. Além disso nota que ele tem comportamento agressivo, opositor e não gosta de trabalhar, motivos que mais tarde também combinaram para sua sentença:

Dr. Spivey: Well, the real reason that you've been sent over here is because they wanted you to be evaluated... to determine whether or not you are mentally ill. This is the real reason. Why do you think they might think that?

McMurphy: Well, as near as I can figure out, it's 'cause I, uh, fight and fuck too much¹.

Passado seu primeiro encontro com o diretor, McMurphy passa a se integrar na rotina diária do hospital, contudo do seu jeito peculiar. O personagem se coloca nos grupos de conversa de maneira questionadora e propositiva, como na cena em que sugere à enfermeira chefe fazer uma votação entre os pacientes para decidirem por assistir ao campeonato de beisebol pela televisão. Rejeitar remédios, discutir com médicos e enfermeiros, chamar mulheres para dentro do hospital, realizar uma festa à noite com bebidas alcólicas foram algumas

¹ Manteremos na língua inglesa os trechos originais extraídos de diálogos do filme.

de suas intervenções que desafiaram a autoridade e a disciplina da instituição psiquiátrica. Embora McMurphy soubesse que estava sendo analisado e vigiado pela equipe de funcionários do hospital, isso não foi o suficiente para impedi-lo de tentar realizar esse tipo de quebras, de produzir essas linhas de fuga dentro da rotina do hospital.

Percebendo o papel instituinte que McMurphy tem, mostrando-se um agenciador entre os pacientes, como nos casos dos jogos de apostas, da partida de basquete contra os funcionários, da fuga do Instituto e o passeio de barco com os demais internos, o hospital psiquiátrico, enquanto dispositivo, começa a tolher e castrar essas pequenas insurgências que ocorrem dentro da instituição, afinal os sujeitos não estavam mais tão dóceis, seus corpos já não pareciam tão produtivos e novos desafios à ordem instituída começam a reverberar no Instituto. Os funcionários do local passam a exercer de forma mais demasiada a sua autoridade e as cobranças e ameaças de sanções aumentam.

Condutas como as praticadas nesse hospital psiquiátrico são próprias das Instituições modernas, que passaram a ser ligadas a uma série de discursos disciplinares (como é o caso dos discursos desenvolvidos pela psiquiatria e os especialistas do Instituto Mental) promovidos também pelas descobertas no campo da medicina e da educação (Foucault, 2005). A partir disso, surgem diferentes políticas no campo da condução das condutas das pessoas em relação à vida biológica: num primeiro nível com um caráter individualizante e disciplinar, o que Foucault (2008a) chama de anátomo-políticas do corpo; e num segundo nível de caráter massificante, populacional, o corpo espécie, as biopolíticas.

No filme pode-se apreciar que a anátomo-política junto ao seu caráter disciplinador da norma, exercida diretamente pela antagonista, a enfermeira Ratched, tem um discurso disciplinador aprendido o qual ajuda ela para exercer suas ordens. Ela representa a autoridade direta com que os pacientes têm que lidar:

Enfermeira Ratched: Aren't you ashamed?

Billy: No, I'm not.

Enfermeira Ratched: You know, Billy, what worries me is how your mother's going to take this.

Billy: Um, um, well, y-y-y-you d-d-d-don't have to t-t-t-tell her, Miss Ratched.

Enfermeira Ratched: I don't have to tell her? Your mother and I are old friends, you know that.

Billy: P-p-p-please d-d-d-don't tell my m-m-m-mother.

Tantos as anátomo-políticas como as biopolíticas têm funcionado como dispositivos (Agamben, 2009) em conjunto e por seus caracteres funcionais diferenciados trabalham ao mesmo tempo sem se prejudicar. Deleuze descreve ao respeito que

“as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo” (1992: 222).

Tais elementos podem encontrar ressonância também na perspectiva biopolítica de Agamben (2000), apresentada em Castro (2007) e Assmann et al (2007). Para Agamben, um dos autores contemporâneos que mais tem se proposto a discutir (entre outros temas) o conceito de biopolítica a partir de Foucault, é necessário realizar uma genealogia do termo vida enquanto conceito filosófico-político-teológico e não como uma noção médico-científica (Agamben, 2000). O autor argumenta que existe uma ambivalência da vida na política ocidental, em que por um lado ela se torna “objeto privilegiado de investimento e de apropriação do Estado moderno, o poder sobre a vida que torna a política biopolítica; bem como o lugar, o *topos* onde se situam as possibilidades de superação e de resistência, do contra fáptico, o poder da vida” (Assmann et al, 2007: 22).

No filme, McMurphy vivencia essa ambivalência de certa forma. No caso da obra, o hospital psiquiátrico é que atua diretamente sobre a vida, mais precisamente as formas de vida dos sujeitos ali internados. A biopolítica incide sobre a vida de McMurphy ao posicioná-lo como doente, ao inseri-lo numa rotina controlada, ao conduzir suas condutas mediante variadas técnicas, como a medicalização e as punições e privações. Entretanto, mesmo num ambiente altamente vigiado, o personagem principal consegue criar algumas linhas de fuga, produzir micro resistências, como o jogo de basquete entre pacientes e funcionários, a saída de barco com os demais internos (inclusive se fazendo passar como médicos, ludibriando o responsável por cuidar dos barcos) e a realização de uma festa com bebidas e mulheres dentro do próprio hospital. Diante desse cenário ambivalente, entre o controle e a resistência acontece uma radicalização do poder sobre a vida de McMurphy, que aqui irei tratar como a ocorrência de um Estado de Exceção dentro do dispositivo hospitalar. Sobre isso, Assmann et al. colocam que

“Agamben assume como figura central no paradigma biopolítico o Estado de Exceção. É na exceção que a vida é colocada em suspensão porque retirada do âmbito da norma e abandonada, incluída por uma exclusão. É a vida nua que resta. Para o autor, o Estado de Exceção que deveria representar a suspensão no *nomos* no sentido da criação de uma nova ordem legal, de um novo *nomos* que instaura um novo *topos*, tornou-se regra (segue aqui uma figura benjaminiana)” (2007: 23).

Agamben utiliza-se dos termos gregos *bios* (a vida qualificada) e *zoé* (a vida animal, biológica) para realizar suas análises sobre biopolítica, Estado moderno, política e as formas de vida. Seguindo essa analogia, para Agamben o fenômeno que ocorreu na modernidade foi justamente a inclusão da *zoé* na *pólis*, ou seja, a politização da *zoé* (Agamben, 2007).

Já a vida nua constitui-se como um produto da máquina biopolítica e não enquanto algo preexistente a ela, da mesma forma pela qual o direito não

possui uma base na natureza ou na divindade (Castro, 2007). A vida nua seria aquela que pode ser suprimida sem a necessidade de oferecer sacrifícios e sem cometer um homicídio. É aí que se encontra a atuação do poder soberano, neste limite de sentenciar qual vida passa a ser tida como nua. Em um Estado de Exceção o poder soberano e a vida nua se encontram implicados.

No sentido biopolítico os pacientes do Instituto Mental sofreram (num nível de população) uma rejeição por parte da sociedade, o que os confinou nesse hospital psiquiátrico. Tal discriminação pode ser entendida mediante o processo de “normalização” o qual distingue os indivíduos da sociedade em base a sua capacidade, eficácia e produtividade. A normalização é um processo que distingue o anormal a partir do que é entendido por normalidade. Tanto o louco como o ladrão ficam por fora dos indivíduos habilitados para sustentar o grau de produtividade esperado da sociedade. Assim, como é possível observar no filme, os médicos determinam quem são os pacientes, os psiquiatras determinam quem são os loucos e, por fim, os juízes julgam quem são os criminosos.

No filme o protagonista não consegue-se alinhar com este processo discursivo de normalização e aponta ao seu contexto e como é visto ou construído socialmente, como pode ser visto na conversa entre McMurphy e o Dr. Spivey.

Dr. Spivey: Well, you've had 5 prior arrests for assault.

McMurphy: 5 fights, huh? Rocky Marciano's got 40 and he's a millionaire.

Para McMurphy não há muita diferença entre um campeão de boxe e ele, levando em consideração o fato de que ambos “brigam”. Diferente do boxeador, o protagonista do filme é penalizado e discriminado como um perigo e como alguém que não contribui com a sociedade. Outro exemplo disto pode ser entendido na posição de McMurphy a respeito dos pacientes da instituição mental, quando ele fala:

McMurphy: What do you think you are, for Christ's sake, crazy or something? Well, you're not! You're not! You're no crazier than the average asshole out walking around on the streets and that's it!

McMurphy aponta que os pacientes da instituição mental não são diferentes de qualquer pessoa que eles possam encontrar na rua. Apesar do fato de que os pacientes do hospital não encontram-se no mesmo estado de saúde mental, todos foram de alguma maneira discriminados da sociedade pelos discursos psiquiátricos até chegarem nessa instituição.

Após acumular uma série de experiências opostas às normas do dispositivo hospitalar, McMurphy acaba por receber sua sentença: não voltará mais para a prisão rural, no entanto sua permanência na instituição ocorrerá mediante a realização de uma lobotomia. Sob o prisma do Estado de Exceção a realização dessa lobotomia é validada por um estatuto em que é previsto que esse tipo de intervenção sobre o sujeito seja considerado uma exceção, não só possível, mas necessária, mesmo que contra a vontade do indivíduo. Neste caso, a exceção torna-se legal e estatutária, torna-se a regra para McMurphy, com possibilidades mínimas de resistência.

Ao final, o dispositivo biopolítico da instituição psiquiátrica age mediante um poder soberano sobre a vida do personagem principal da trama, que tem sua existência reduzida à vida nua, à zoé. Após ser lobotomizado, não lhe restam muitas opções para viver, tendo em vista sua imagem catatônica, impossibilitada de conversar com os funcionários e com os demais internos. No final, só lhe sobrou a vida politicamente desqualificada, somente biológica, enfim, zoé.

Considerações finais

“Um estranho no ninho” nos mostra como seu protagonista, ao entrar na dinâmica disciplinar própria de uma instituição mental, na qual ele não encontra-se habituado, gera um conflito direto com a equipe do hospital. Ao rejeitar as noções impostas pelos discursos psiquiátricos, McMurphy produz um

tensionamento que tem como resposta dos funcionários do Instituto, a realização de diferentes técnicas típicas do poder disciplinar, do poder sobre o corpo, junto a ele e os demais internos.

Diante disso, podemos dizer que o filme apresenta uma clara crítica aos discursos disciplinares e às instituições criadas na modernidade. Nesse sentido, os conceitos de biopolítica e dispositivo extraídos das obras de Michel Foucault e Giorgio Agamben nos parecem serem produtivos para entender e analisar a presente obra em questão, assim como refletir sobre as relações entre poder e corpo. Tanto no filme quanto nos textos desses autores, encontram-se pistas que apontam para as variadas práticas de opressão justificadas pelos discursos e saberes presentes nas instituições criadas na modernidade.

para o cenário da educação física, se torna pertinente analisar e pensar sobre os processos que ocorrem no interior das instituições modernas (escola, hospital, prisão, etc.), levando em conta o papel histórico dessas no controle e vigilância dos corpos, assim como na produção de sujeitos governáveis. Ao utilizar a obra cinematográfica enquanto elemento disparador dessa discussão, buscamos produzir novas questões para compreender as formas pelas quais as relações de poder incidem sobre os corpos dos indivíduos, bem como pensar nas possibilidades de criação de novas resistências e linhas de fuga possíveis de serem potencializadas através de nossa prática profissional.

Referências

Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Agamben, G. (2000). A imanência absoluta. Em E. Alliez (Ed.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica* (pp. 169-192). São Paulo: Ed. 34.

Agamben, G. (2007). *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Alves, M. (2008). Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema das artes de governar. Em M. E. RAGO & A. VEIGA-NETO (Eds.). *Figuras de Foucault* (pp. 155-164). Belo Horizonte: Autêntica.

Assmann, S. J. et al. (2007). Do poder sobre a vida e do poder da vida: lugares do corpo, biopolítica. *Temas & Matizes*, 11(1), 19-27.

Castro, E. (2007). Biopolítica y gubernamentalidad. *Temas & Matizes*, 11(1), 8-18.

Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.

Fortes, R. & Melo, V. A. (2014). *Comunicação e esporte: reflexões a partir do cinema*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Foucault, M. (2008a). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2008b). *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Gomes, I. S. & Caminha, I. de O. (2016). Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 38(4), 414-421.

Melo, V. A. (2009). *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri.

Rodrigues, M. F. (2010) *A contracultura no cinema segundo Milos Forman a partir das análises de Procura Insaciável, Um estranho No Ninho e Hair* (Dissertação de mestrado inédita). Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Zoboli, F. et al (2015). "A pele que habito" e a biotecnologia: análise fílmica de uma ontologia indeterminada. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, 4(2), 1-33.